

# «Aquel mundo que perdimos...», de Cecília Meireles

Traducción de Manuel Barrós

Cecília Meireles (Río de Janeiro, 1901-1964) es una de las poetas más importantes de la lengua portuguesa. También fue cronista, educadora, ensayista y traductora brasileña. Entre otras obras, publicó *Vaga música* (1942), *Canções* (1956) y *Solombra* (1963). A su vez, *Episódio humano* (2007) es un libro póstumo que reúne las crónicas que Meireles publicó entre 1929 y 1930 en el diario *O Jornal*, de Río de Janeiro.

Nós possuíamos, realmente, um mundo maravilhoso: nele, o sol era um rio de ouro puro que nascia todas as manhãs e o ar um país transparente que podíamos viajar com os olhos.

A cada nuvem demos um nome encantado, quando elas apareceram no céu defronte. E nunca duvidamos de que viessem recuperar sua forma, quando, depois de desfeitas, as chamássemos por esses nomes.

Reconhecíamos cada estrela, brilho por brilho, e não sabíamos porque se mantinham assim caladas e conseguiam permanecer tanto tempo no mesmo lugar.

É verdade que, às vezes, alguma caíam para longe: na floresta ou no mar. E então, sonhávamos a noite inteira com uma estrela dentro de um ninho ou navegando pelas águas, de onda em onda.

Conhecíamos toda a terra que pisávamos: onde é que dormiam as conchas, onde é que se descobriam faíscas de mica e onde é que nasciam os cacos de vidro azul.

O orvalho participava da natureza de outras vidas breves. Dizíamos que tinha morrido, quando secava sobre as folhas.

Assistimos ao despontar dos brotos, rompendo as cascas dos ramos, e escutamos, por muito tempo, se zumbiam, como as abelhas. As folhas secas, antes de caírem, também se despediram sempre de nós. Ficamos um pouco surpreendidos, então, mas, como vinham outras, para explicar a surpresa combinamos crer serem as mesmas que voltavam...

Acostumamo-nos a aceitar que há coisas fugitivas: as asas das borboletas nos facilitaram essa experiência. Mas também nos relacionamos com outras muito acessíveis, como os troncos das árvores, sempre no mesmo lugar com as suas rugas invariáveis, como os velhos sentados, esperando. Esperando o quê, mesmo?

Havia nesse mundo criaturas de fisionomias muito diferenciadas para a nossa atenção sentimental. Evidentemente, os passarinhos, nas suas inconstantes habitações de folhas, eram muito mais atraentes que os pobres sapos mal vestidos, humildes residentes de lugares baixos. Mas por estes uma ternura infinita desabrochava em nós. E fizemos elogios, consolando-os de não terem asas, e dissemos-lhes, é verdade que em silêncio, muitas palavras de amizade e proteção.

Às vezes, passavam burrinhos cabeçudos pela margem dos nossos domínios. Sentíamos que podiam ser dos nossos, apesar de seus dentes um pouco grandes. E da voz um pouco grossa... Mas víamos que a sua vida seguia para longe, levada pelos homens. E, então, ficávamos olhando, olhando...

Do lado de lá, as casas tinham uma cara que variava com as horas do dia e também conforme a atitude das janelas.

Mas, fossem quais fossem todas essas formas, sem dúvida nenhuma, todas eram, intimamente iguais a nós. Umas falavam, outras não. Mas a palavra não é uma coisa essencial, para a compreensão. Nem por isso deixávamos de conversar com tudo em torno. E preparávamos as respostas mais de acordo com a nossa alegria, sem precisarmos de outras realidades além dessa.

De algum modo admitíamos o poder de interpretar as coisas silenciosas, porque tínhamos, nesse mundo maravilhoso, certas intuições espontâneas de autoridade e domínio.

1 Meireles, Cecília (2007), "Aquel mundo que perdemos...", em *Episódio humano*, Rio de Janeiro, Desiderata/Batel, pp. 13-17.

En verdad, poseíamos un mundo maravilloso: en él, el sol era un río de oro que nacía todas las mañanas y el aire un país transparente que podíamos recorrer con los ojos.

A cada nube le dimos un nombre encantado, cuando ellas aparecían enfrente en el cielo. Y nunca dudamos de que fuesen a recuperar su forma, cuando, ya deshechas, las llamáramos por esos nombres.

Reconocíamos cada estrella, brillo por brillo, y no sabíamos por qué permanecían así calladas y conseguían quedarse tanto tiempo en el mismo lugar.

Es verdad que, a veces, algunas caían a lo lejos: en la floresta o en el mar. Y, entonces, soñábamos la noche entera con una estrella dentro de un nido o navegando por las aguas, de ola en ola.

Conocíamos toda la tierra por la que caminábamos: dónde dormían las valvas, dónde se descubrían centelleos de mica y dónde nacían las esquirlas de vidrio azul.

El rocío participaba de la naturaleza de otras vidas breves. Decíamos que había muerto cuando se secaba sobre las hojas.

Presenciamos el nacer de los brotes, rompiendo la corteza de las ramas, y escuchamos, por mucho tiempo, que zumbaban como abejas. Antes de caer, las hojas secas también se habían despedido, siempre de nosotros. Entonces, continuamos un poco sorprendidos, pero, como después venían otras, para explicar la sorpresa acordamos creer que eran las mismas que volvían...

Nos acostumbramos a aceptar que hay cosas fugitivas: las alas de las mariposas nos facilitaron esa experiencia. Pero también nos relacionamos con otras muy accesibles, como los troncos de los árboles, siempre en el mismo lugar con sus arrugas invariables, como los viejos sentados, esperando. ¿Esperando qué, en verdad?

En ese mundo, había criaturas de fisonomías muy diferenciadas para nuestra atención sensible. Claro que los pajaritos, en sus inconstantes estancias de hojas, eran mucho más atrayentes que los pobres sapos mal vestidos, humildes residentes de lugares bajos. Pero por estos una ternura infinita floreció en nosotros. E hicimos elogios, consolándolos por no tener alas, y les dijimos —es verdad que en silencio— muchas palabras amigables y protectoras.

A veces, pasaban burritos obstinados por la margen de nuestros dominios. Sentíamos que podían ser de los nuestros, a pesar de sus dientes un poco grandes, y de la voz un poco gruesa... Pero veíamos que su vida proseguía hacia lo lejos, llevada por los hombres. Y, entonces, permanecemos mirando, mirando...

Del lado de allá, las casas tenían un rostro que variaba con las horas del día y también según el aspecto de las ventanas.

Pero, sean las que sean todas esas formas, sin duda alguna, todas eran, íntimamente, iguales a nosotros. Unas hablaban, otras no. Pero la palabra no es algo esencial para la comprensión. Ni por eso dejábamos de conversar con todo alrededor. Y preparábamos las respuestas más de acuerdo con nuestra alegría, sin requerir de otras realidades más allá de esa.

De algún modo admitíamos el poder de interpretar las cosas silenciosas, porque teníamos, en ese mundo maravilloso, ciertas intuiciones espontáneas de autoridad y dominio.

Não podíamos fazer abrir mais depressa os botões de rosa, e ativar as germinações, desenterrando e examinando todos os dias as sementes? Muitas vezes sopramos as borboletas mortas, convencidos de que ficariam capazes de voar outra vez.

E não nos desiludimos, sequer, do sopro alentador. Apenas estranhamos um pouco não sermos obedecidos sem vacilações.

Fizemos demoradas experiências do nosso poder: pusemos obstáculos a todos os trilhos das formigas e desfiguramos a entrada das suas habitações. Traçamos para a água dócil percursos difíceis, pacientes meandros que ela percorreu com serenidade. E então, achamo-la boazinha, porque se conformava...

Era realmente um mundo maravilhoso.

Mas, infelizmente, o reino dos homens, nossos parentes, se estabelecia muito próximo. E os homens eram extremamente diversos de nós e de tudo. Primeiro, porque, para eles, cada coisa tem uma definição única. Ora, não é bem evidente que tudo é variável? Que uma estrela pode ser, sucessivamente, um pássaro de vidro, uma rosa de fogo, ou, simplesmente, um pequeno rasgão do céu por onde se vê a luz que mora do outro lado, na região dos relâmpagos?

Os homens não acreditam nisso. Nem sabem que aquela nuvem de ontem falou num riozinho cheio de peixes e numa porção de árvores com cigarras novas cantando. Não se convencem de que o vento nos vai trazer uma porção de conchas, quando passar pelo mar. Não suspeitam que há vultos dentro da terra e das pedras, e que nós podemos viver, indiferentemente, dentro do nosso corpo ou dentro de uma outra forma qualquer.

Não, os homens não nos entenderam.

Nós não arrancamos, também, as asas das libélulas para lhes fazermos mal. Foi só para ver como estavam presas. E, além disso, tínhamos certeza de poder colocá-las no mesmo lugar... Não subíamos às árvores para cair... Foi para sentir como os pássaros sentiam e ver como eram as coisas olhadas de alto... Ninguém suponha que mastigamos as flores para as estragar... Fazíamos a inocente experiência das relações que existem entre os perfumes e os gostos... Houve quem dissesse que atiramos pedra para longe. Foi verdade que atiramos – não, porém, com a significação de pedras... Eram símbolos: estávamos soltando pássaros... Que fazer, se os homens não viram tudo isso?

Tiram-no então desse mundo, e levaram-nos para o seu. No seu, tudo tem nome determinado e uma utilidade imediata. Não há mais coisas para viverem conosco. Há, somente, coisas para nos servirem. Não nos podemos demorar diante da paisagem pela simples alegria de a sentirmos bela. É preciso seguirmos o caminho da vida. Mas para onde é que leva essa vida que os homens inventaram? Por que é que os homens acreditam que ela é melhor que a outra, a outra que nasceu de si mesma, que brotou como as fontes e que iria cantando até o mar?

Agora, cantando, evidentemente, não irá. E o mar, também, depois de tantos transtornos, não temos nenhuma esperança que exista: e não sabemos, portanto, se o há de alcançar ou não.

¿No podíamos hacer que se abran más deprisa los botones de rosa y avivarlos para que germinen, desenterrando y examinando las simientes todos los días? Muchas veces dimos soplos a las mariposas muertas, convencidos de que serían capaces de volar de nuevo.

Y no nos desengañamos, siquiera, del sopro alentador. Solo encontramos un poco extraño no ser obedecidos sin vacilaciones.

Hicimos prolongados experimentos de nuestro poder: pusimos obstáculos a todos los caminos de las hormigas y desfiguramos la entrada a sus estancias. Trazamos cursos difíciles para el agua dócil, pacientes meandros que ella recorrió con serenidad. Y entonces, la hallamos sencilla, porque se adaptaba...

Era realmente un mundo maravilloso.

Pero, infelizmente, el reino de los hombres, nuestros parientes, se establecía muy cerca. Y los hombres eran en extremo diferentes de nosotros y de todo. Primero, porque, para ellos, cada cosa tiene una definición única. ¿Pero no es muy evidente que todo es variable? ¿Que una estrella puede ser, sucesivamente, un ave de vidrio, una rosa de fuego o, con sencillez, una pequeña rasgadura del cielo por donde se ve la luz que vive del otro lado, en la región de los relámpagos?

Los hombres no creen en eso. Ni saben que aquella nube de ayer habló en un pequeño río lleno de peces y en un grupo de árboles con cigarras jóvenes que cantaban. No se convencen de que el viento nos traerá unas cuantas valvas, cuando pase por el mar. No sospechan que hay figuras dentro de la tierra y de las piedras, y que nosotros podemos vivir, con indiferencia, dentro de nuestro cuerpo o dentro de cualquiera otra forma.

No, los hombres no nos entendieron.

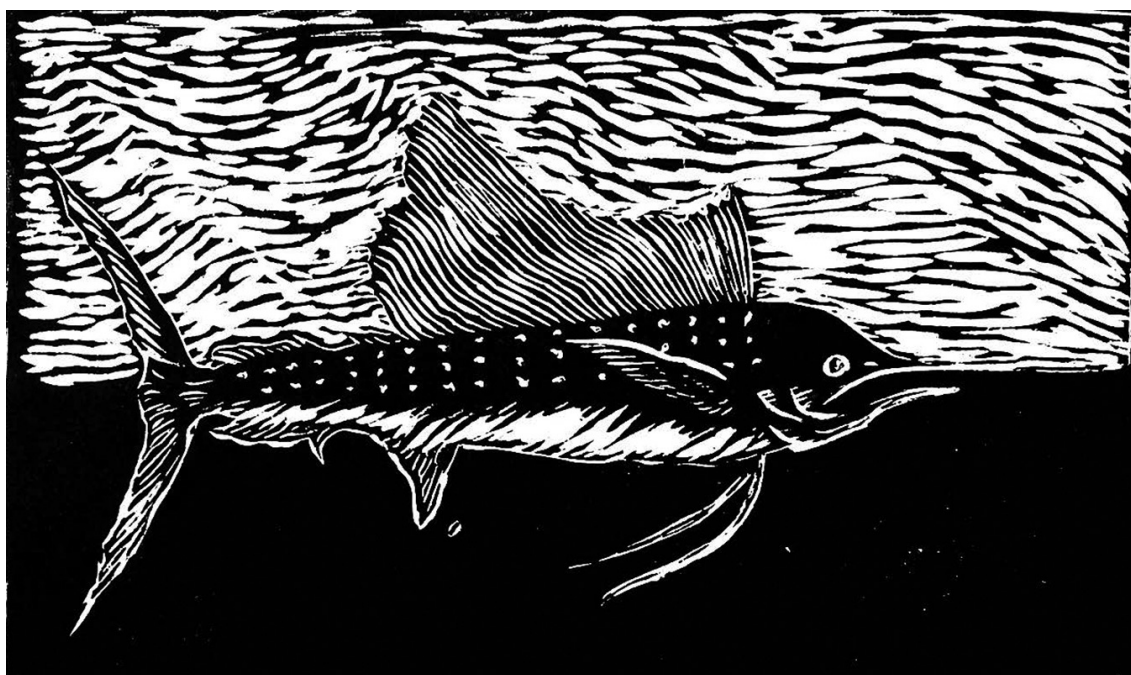
Nosotros no arrancamos las alas de las libélulas para hacerles daño. Fue solo para ver cómo estaban presas. Y, más allá de eso, teníamos la certeza de poder colocarlas en el mismo lugar... No subimos a los árboles para caer... Fue para sentir cómo las aves sentían y ver cómo eran las cosas vistas desde lo alto... Que nadie suponga que masticamos las flores para arruinarlas... Hacíamos el inocente experimento de los vínculos que existen entre los perfumes y los gustos... Hubo quien dijera que lanzamos una piedra a lo lejos. Era verdad que la lanzamos; no, sin embargo, con el significado de las piedras... Eran símbolos: estábamos liberando las aves... ¿Qué hacer si los hombres no vieron todo eso?

Entonces, nos sacaron de ese mundo y nos llevaron al suyo. En este, todo tiene nombre determinado y una utilidad inmediata. No hay más cosas que vivan con nosotros. Solo están las cosas que nos sirven. No podemos demorarnos delante del paisaje por la simple alegría de sentirlo bello. Es necesario que sigamos el camino de la vida. ¿Pero hacia dónde lleva esa vida que los hombres inventaron? ¿Por qué los hombres creen que ella es mejor que la otra, la otra que nació de sí misma, que brotó como las fuentes y que iría cantando hasta el mar?

Ahora, cantando, es evidente que no irá. Y el mar, también, después de tantos trastornos, no tenemos ninguna esperanza de que exista: y no sabemos, por ende, si ha de alcanzarlo o no.

## REFERENCIAS

Meireles, Cecília (2007), "Aquel mundo que perdimos...", en *Episódio humano*, Río de Janeiro, Desiderata/Batel, pp. 13-17.



*Pez* (2024). Grabado en MDF: Luis Soria.  
Prohibida su reproducción en obras derivadas.



Detalle de *Aniversario de la era industrial* (2024). Aguafuerte: Arturo Cáceres.  
Prohibida su reproducción en obras derivadas.

**MANUEL BARRÓS.** Lima, 1993. Poeta, investigador y traductor. Estudiante de la Maestría en Historia Intelectual por la Universidad Nacional de Quilmes (UNQ), Argentina. Tiene la licenciatura en Sociología por la Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP), Perú. Ha publicado el poemario *Tantalizing* (La Apacheta Editores, 2022); el ensayo *La luz misma. Traducir a Cecilia Meireles en el Perú* (Fondo Editorial UCSS, 2023); y es coautor de *Un grito a la tierra. Arte y revolución en Chaski* (Cusco, 1972-1974) (Instituto de Estudios Peruanos, 2022). Como traductor, ha publicado versiones de varios escritores y poetas en revistas, además de *A bandeja de Salomé / La bandeja de Salomé* (Caos e Letras, 2022), de Adriane Garcia; y con Óscar Limache, *Doze noturnos da Holanda / Doce nocturnos de Holanda* (Ediciones Andesgraund, 2016; 2018), de Cecilia Meireles; y *Na pata do cavalo há sete abismos / En la pata del caballo hay siete abismos* (La Apacheta Editores; Editorial Cronos, 2021), de Clarissa Macedo. Trabaja en el desarrollo e implementación de políticas culturales vinculadas a la industria del libro y el fomento de la lectura.

Recibido: 23 de abril de 2024

Aprobado: 1 de junio de 2024